

ees

REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



O ESTADO E A IGREJA

HOMENAGEM A JOSÉ ANTUNES

VOLUME 22, 2001

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ARGUIÇÃO DO RELATÓRIO:
CULTURA ERUDITA PORTUGUESA: SÉCULOS XII A XV

por Maria José Azevedo Santos

Em primeiro lugar, saúdo cordialmente V. Ex.-, Magnífico Reitor desta Universidade e Presidente deste Júri.

Endereço também as minhas mais cordiais saudações a todos os membros deste Júri do qual tenho a honra de fazer parte.

Ao Senhor Doutor José Antunes dirijo os meus cumprimentos e votos de muitas felicidades nesta prova.

Este momento é, estou certa disso, singular para o Senhor Doutor José Antunes, mas seja-me permitido dizer que não o é menos para mim.

Com efeito, é a primeira vez que, nesta Sala dos Capelos, integro um Júri de Provas Académicas, neste caso para a obtenção do Título de Agregado. E faço-o na qualidade de arguente, pelo que se impõe, desde já, que expresse a todos os Doutores presentes neste Júri o meu mais penhorado reconhecimento pela confiança e pela distinção que me concederam ao atribuir-me este encargo que tentarei desempenhar da melhor forma.

Gostaria, porém, de, antes de mais, deixar aqui uma nota, de natureza verdadeiramente pessoal e afectiva.

Conheço o Senhor Doutor José Antunes desde 1976, ano em que foi meu aluno, aluno excelente, na cadeira de História das Sociedades Feudais. Era já, então, possuidor de uma licenciatura em Teologia e eu uma jovem e recém-licenciada em História. De muitos diálogos, que, na altura, estabelecemos, nasceu, creio que posso afirmá-lo, uma mútua estima pessoal que, anos mais tarde, já como Colegas, foi possível aumentar e reforçar.

Para isso, muito contribuíram trabalhos em colaboração, visitas de estudo partilhadas, reflexões sobre temas que a ambos interessavam, e enfim, porque lha solicitei, participação amiga e sábia em trabalhos meus. E, pois, com muito gosto Senhor Doutor José Antunes que me encontro aqui para arguir o seu Relatório

Cultura erudita portuguesa: séculos XII a XVC), que apresentou a estas provas.

Arguir não no sentido de censurar, de criminar, mas numa outra acepção que este verbo também possui, ou seja, de propor dúvidas, de apresentar algumas objecções, de indicar sugestões, de fazer perguntas, porque, como já aconselhava o nosso rei D. Duarte, e passo a citar, "se algumas cousas quiserdes saber sejam perguntadas poucas e certas e a taes pessoas que sejam avidas por boas e de bom e grande saber e a outrem nom".

Começarei, pois, por dizer que o já referido Relatório, com o título, repito, "*Cultura erudita portuguesa: séculos XII a XV*" é uma proposta programática de um dos Seminários Complementares do Curso de Mestrado em História da Idade Média que o Senhor Doutor Antunes está neste corrente ano [1999-2000] a reger.

O estudo compõe-se de 112 páginas distribuídas por três partes. A primeira aborda os "Objectivos do Programa e estratégia do Curso", a segunda "O Plano Geral da Cadeira" e a terceira "A Fundamentação do Plano Geral da Cadeira".

O plano, propriamente dito, consta de duas secções: a primeira com dez capítulos e a segunda com vinte e dois.

E, se me permite, desde já, uma pergunta: porquê o uso da expressão cultura erudita que, como sabe, não é comum aplicar à cultura medieval?

Aliás, os autores, intencionalmente ou não, parecem evitá-la.

No entanto, seja qual for o sentido em que a emprega, julgo que ela é já um dos seus "sinais de identidade" ou não a tivesse igualmente escolhido para título da sua tese de doutoramento *Cultura Portuguesa Erudita séculos XIII e XIV (Juristas e Teólogos)*, Coimbra, 1995.

O certo é que o seu plano é, inquestionavelmente, muito erudito, no mais estreme sentido da palavra e isto, porque reúne uma enorme soma de conhecimentos, uns explícitos, outros implícitos, que vão da Língua Grega à Língua Latina, da Liturgia à Teologia, da Filosofia à Patrística, do Direito Civil ao Direito Canónico, entre muitos outros.

(l) Em apêndice, publica-se o *Plano Geral da Cadeira* proposto pelo Doutor José Antunes (*ob. cit.*, Faculdade de Letras, 2000, pp. 10-14).

Ressurte, desta forma, o perfil científico-pedagógico do Professor universitário que o elaborou e que é, a meu ver, um dedicado pedagogo (100% de assiduidade em 20 anos de magistério universitário), mas também um distinto bibliista, exegeta, teólogo, enfim, um conhecedor profundo da cultura medieval portuguesa. Mas apesar da muita erudição que o Programa proposto contém, parece-me demasiado extenso, o que poderá explicar a abordagem quase esquemática de alguns pontos, tais como: "O pensamento teológico"; "a ciência política medieval"; "a literatura historiográfica"; "a literatura novelística", para citar só alguns exemplos.

Paralelamente, gostaria de aludir à inclusão de certos temas, muito interessantes e inovadores, mas cuja coaptação não me parece aconselhável neste plano.

Estão neste caso:

1. As comunicações como suporte das instituições universitárias.
2. A literatura diplomática e o "ornamento literário"
3. A literatura epigráfica.

Acrescento ainda, uma última observação de carácter geral.

O Senhor Doutor optou por colocar no final de cada capítulo uma lista bibliográfica específica, o que não o impediu de incluir uma Bibliografia Geral com mais de duas centenas e meia de autores e livros. Permita-me que lhe diga que talvez fosse desejável destacar, pelo menos, as *Fontes Impressas*. Quanto a obras que poderiam ser citadas, aludo apenas a duas que, com certeza por esquecimento, omitiu: a tese de Mestrado de Joana Lencart e Silva, *O Costumeiro de Pombeiro - Uma comunidade beneditina no século XIII*, editada em 1997, e a dissertação de Doutoramento de Armando Martins, *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, séculos XII a XV. História e Instituição* (texto policopiado, 1996).

Passemos, de seguida, a questões de conteúdo. Na Parte I: "As Instituições de Ensino: das escolas clássicas à Universidade Portuguesa e colégios universitários medievais", o Senhor Doutor percorre os onze primeiros séculos da nossa Era com o objectivo, estou certa disso, de traçar um fio condutor entre a cultura greco-clássica do Império Romano e a cultura da Península Hispânica do século XII (termo *a quo* do seu Plano).

A minha objecção é esta: O Sr. Doutor considera indispensável a abordagem destas matérias? O Senhor Doutor detém-se nas figuras de Séneca, de Lucano, de Marcial, continuando com Paulo Orósio, Idácio, Apríngio, para, já no período visigótico, dedicar especial atenção a S. Martinho de Dume, a S.¹⁰ Isidoro de Sevilha, a S. Frutuoso, bispo de Braga, enfim, a toda a tradição cultural latina de que é herdeira a nossa cultura medieval.

Não teria sido preferível, por exemplo, dar um tratamento sinóptico a esta matéria, privilegiando, ao contrário, os temas da língua e da escrita, dado que uma reflexão sobre a cultura, em geral, e sobre a cultura medieval portuguesa, em particular, deverá passar pela consideração da linguagem: oral ou escrita - como acto cultural por excelência?

Ainda na Parte 1-, observo a sua preocupação em pormenorizar os centros de ensino: Das escolas monásticas à Universidade, passando pelas episcopais, paroquiais, bem como pelas das Colegiadas, dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, dos Cistercienses e dos Mendicantes.

Se estiver de acordo, gostaria de o ouvir sobre a articulação destes centros de ensino entre si e a sua conseqüente evolução.

Qual a sua projecção na sociedade leiga?

Qual o seu fim útil?

Qual a sua função cívica?

E, concretamente, a propósito da Universidade, o Senhor Doutor incluiu a alínea: "As comunicações como suporte das instituições universitárias".

Tema aliciante, são palavras suas, com as quais concordo. Discordo, sim, é da introdução do tema aqui e sobretudo da forma como parece querer tratá-lo, ou seja, depreendo, pelo seu texto, que está mais ocupado nos sistemas de transporte e nos agentes transportadores ao serviço das Universidades do que na correspondência trocada entre docentes ou entre estes e os estudantes, o que seria, talvez, mais interessante. Refiro, a título de exemplo, que na Itália e para os séculos XIV e XV existem muitas missivas desta natureza, que constituem, sem dúvida, um sinal de cultura gráfica e cultura literária.

Ainda assim, tenho dúvidas sobre a pertinência da presença desta matéria neste Programa.

Prosseguindo, e após o estudo das Instituições de Ensino, o Senhor Doutor propõe o tema: "Os saberes e os seus transmissores",

subdividido em dois capítulos: o primeiro, "O contexto sócio-cultural do saber nos séculos XII a XV" que, por ora, não comentarei, e o segundo, intitulado "As diversas vertentes da cultura literária e os seus transmissores", de que constam vinte e duas alíneas que vão da Hagiografia à Oratória Sagrada, dos Tratados de Economia à Cultura Jurídica, dos livros de medicina medieval aos Tratados de alveitaria e de falcoaria, etc.

Desta temática tão vasta não lhe causará, por certo, surpresa se eu me detiver fundamentalmente em três alíneas:

A primeira: "A cultura jurídica portuguesa". De facto, uma reflexão sobre a cultura medieval portuguesa ou europeia tem que obrigatoriamente passar pela análise das matérias jurídicas do Direito Civil e do Direito Canónico, quer como saberes transmitidos nas Universidades quer enquanto produção de obras.

Como revela o seu texto, o Senhor Doutor é conhecedor profundo da cultura jurídica portuguesa, dominando os autores e respectivas obras. Cito, a título de exemplo, João de Deus, Silvestre Godinho, Álvaro Pais e Martim Peres.

Martim Peres, figura igualmente ligada ao Discurso da Confissão, escreveu no século XIV o célebre "Libro de las Confessiones", manuscrito de que se conhecem dois exemplares: um em castelhano, completo, e outro em português, conservado na BNL, ao qual falta a 2ª parte. Encerra uma riqueza enorme do ponto de vista ideológico, político, social e cultural bem testemunhada em três estudos que o Sr. Doutor já publicou:

1. "Acerca da liberdade de religião na Idade Média. Mouros e Judeus perante um problema teológico-canónico" (1989).
2. "A propósito do trabalho e dos salários em atraso na Idade Média. Uma leitura de Teologia Moral" (1991).
3. "A nobreza no discurso medieval da Confissão (séculos XIII-XV)" (1997).

Sabendo eu que há vários anos dedica muito do seu labor e saber à leitura e transcrição deste notável manuscrito, faço aqui um apelo: que tão breve quanto possível nos possa brindar com a edição crítica do *Livro das Confissões*, de Martim Peres.

De seguida, aludirei ao ponto "Literatura diplomática e o 'ornamento literário'". Primeiramente, desejo felicitá-lo pela lembrança de um tema que, apesar de já ter merecido há muitos anos a

atenção do Sr. Prof. José Mattoso, só recentemente tem sido alvo de estudo.

Trata-se, no fundo, de estudar a complexidade cultural dos redactores e dos centros de produção de documentos a partir da análise de uma cláusula secundária, chamada arenga, também conhecida por "ornamento literário".

Proponho-lhe duas reflexões:

lr Não mereceria este assunto, por si só, uma abordagem profunda e demorada?

2.- Se reconhece, e muito bem, que a cultura dos escribas medievais passava pela arenga, e aqui há que estabelecer um termo *ad quem*, até ao século XIII, é talvez bom lembrar que ela passava também por duas outras cláusulas secundárias: a invocação e a *sandio negativa*.

E, para terminar, não resisto a perguntar-lhe:

1. Quais os traços verdadeiramente definidores da cultura medieval portuguesa dos séculos XII a XV?

2. Considerando as múltiplas vertentes culturais da Idade Média, "onde procurar, onde descobrir: o verdadeiro ser do homem medieval"?

Devolvo-lhe esta pergunta, visto que a formula mas deixa-a sem resposta.

2000, Maio, 24, Sala dos Capelos (U. de Coimbra)

Cabe referir que o Senhor Doutor José Antunes contra-argumentou de forma excelente. Por isso, apraz-me, agora, já não pela voz, mas pela escrita, endereçar-lhe, de novo, as minhas mais vivas e sinceras felicitações a que associo a expressão dedicada, e sempre grata, da minha muito elevada estima pessoal.

APENDICE

-PARTE I-

AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO

1. A história do saber na Península Ibérica

- a) As escolas clássicas
- b) Escritores e letrados na Península
- c) Escolas clássicas e os autores cristãos até ao século VI: Potâmio, Paulo Orósio, Idácio de Chaves, Baquiário, Apríngio de Beja e João Biclara

2. Escolas Monásticas (século VI a XII)

- a) A fundação de Dume no séc. VI
- b) Organização do ensino nos mosteiros
- c) Os livros das bibliotecas monásticas

3. Escolas episcopais na Península

- a) A sua origem
- b) As grandes escolas episcopais hispânicas: Sevilha, Saragoça, Palência, Toledo e Mérida
- c) Principais escolas episcopais no território português: Braga, Coimbra, Lisboa e Porto

4. Escolas Paroquiais ou Presbiteriais

5. Centros de cultura dos Crúzios e Cistercienses em Portugal

Testemunhos da sua cultura:

- a) Artes liberais
- b) Teologia
- c) Apologética
- d) Medicina
- e) Hagiografia
- f) Historiografia
- g) Direito

6. As principais colegiadas em Portugal

7. Escolas conventuais: dos Dominicanos e Franciscanos

- a) Escritores, mestres e leitores
- b) A sua influência na sociedade portuguesa

8. Universidades estrangeiras, frequentadas por escolares portugueses
 - a) Os diversos Estudos Gerais do Ocidente
 - b) As comunicações como suporte das instituições universitárias
9. A Universidade Portuguesa de 1288 a 1309
 - a) Os documentos mais significativos até 1309
 - b) A questão da Faculdade de Teologia
 - c) A Faculdade de Teologia segundo a *Magna Carta de Privilégios* de 1309
10. Colégios Universitários medievais

– PARTE II –

OS SABERES E OS SEUS TRANSMISSORES

- I. O contexto sócio-cultural dos séculos XII a XIV
 1. Fontes do pensamento medieval
 - a) A Bíblia e a Natureza
 - b) Os Padres da Igreja e os escritores eclesiásticos
 - c) O legado dos escritores e filósofos clássicos
 2. Do renascimento carolíngio ao século XII
 3. Os séculos XII e XIII
 4. Os séculos XIII e XIV
- II. As diversas vertentes da cultura literária e os seus transmissores
 1. O "ornamento literário" na literatura diplomática
 2. A Hagiografia medieval
 - a) As várias *Vitae* medievais
 - b) A Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra
 3. A Oratória Sagrada ou a *Ars praedicandi*
 - a) *Antonii Patavini Sermones Dominicales et Festivi*
 - b) *A Summa Sermonum*, de Frei Paio de Coimbra
 - c) *A Ars praedicandi*, de Afonso de Alprão

4. A literatura epigráfica

- a) A Epigrafia como fonte histórica
- b) Alguns epitáfios antigos

5. Os tratados de economia.

- a) Durando Pais
- b) Comentário ao Tratado de Economia", de Aristoteles

6. A cultura jurídica

- a) Bolonha, escola das ciências jurídicas
- b) Juristas: Mestre Vicente Hispano, João de Deus, *Petrus Hispanus Portugalensis*, Silvestre Godinho, *Joannes Egitaniensis*, *Dominicus Dominici*, *Mar tinus Martini*, Egas de Viseu, Álvaro Pais, Martin Pérez, André Dias Escobar, Bonifácio Pérez Garcia.

7. O discurso da 'Confissão' nos livros sobre a penitência

- a) O *Liber Poenitentiarius*, de João de Deus
- b) O *Livro das Confissões*, de Martin Pérez
- c) *Confessio Generalis maior*, *Confessio minor*, *Lumen confessorum*, de André Dias Escobar
- d) *Tratado de Confisson*, autor anónimo (1489)

8. A obra filosófica de Pedro Hispano

- a) *Scientia libri de Anima* e o *Comentário ao De Anima*
- b) *Summulae logicales*. Obras atribuídas.

9. O pensamento teológico

- a) *De Statu et Planctu Ecclesiae*, de Álvaro Pais
- b) *Horologium Fidei*, de André do Prado
- c) *Diálogo do Robim e do Teólogo*, autor anónimo

10. Os livros de medicina medieval

- a) *Thesaurus Pauperum*, de Pedro Hispano
- b) *Liber de morbis oculorum* e outros, de Pedro Hispano

11. Encontro de culturas através dos escritos medievais

- a) *Speculum Hebraeorum*
- b) *Collyrium Fidei*
- c) O *Livro das três crenças*

12.A ciência política medieval

- a) O pensamento político em algumas obras
- b) O *Speculum Regum*, de Álvaro Pais

13.Literatura Historiográfica

- a) *Livros de Linhagens*
- b) *Crônica Geral de Espanha de 1344*
- c) *Crônicas*, de Fernão Lopes
- d) *Crônicas*, de Gomes Eanes de Zurara

14.Literatura novelística

- a) *Livro de José de Arimateia*
- b) *Livro de Merlim*
- c) *Demanda do Santo Graal*

15.Os tratados de alveitaria e de falcoaria

- a) O *Livro de Alveitaria de Mestre Giraldo*
- b) O *Tratado de Falcoaria*

16.O lazer e o desporto na literatura medieval

- a) O *Livro da Montaria*
- b) O *Livro da cetraria*

17.As obras didático–morais

- a) O *Leal Conselheiro*, de D. Duarte
- b) *Livro da ensinança de bem cavalgar toda sela*, de D. Duarte
- c) *Virtuosa Benfeitoria*, de D. Pedro

18.Síntese: as correntes de pensamento medieval

JORNADAS DE HISTÓRIA DO CONCELHO DE GOUVEIA

Decorreram de 22 a 24 de Março de 2001 as *Jornadas de História do Concelho de Gouveia*, uma organização conjunta Instituto de História e Teoria das Ideias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e da Câmara Municipal de Gouveia.

Durante três dias, especialistas de várias épocas, oriundos de diversas instituições portuguesas, apresentaram o resultado das suas